

MARÉS DE AMORES

Nos rastos dos rostos
Retrato de um mundo desolado
Com lágrimas nos asfaltos
Nas ruas,
Monumentos,
Em todo lado
A luta contra o covid-19
A luta, na III Guerra Mundial
– *Levanta a cabeça mundo!*
Brada forte o vento
Esvoaçando por todos cantos,
Desencantados e desacreditados pelos vírus
Renasça cantos com encantos
De Angola
Da Guiné-Bissau
De Cabo Verde
De Moçambique
De Portugal
– *Ao mundo!*
Grita forte e a vida continua
Numa contínua luta
Ainda que lágrimas continuem a jorrar
Nos rostos, nos rastos
Nas ruas
Nos retratos
– *Levanta a cabeça mundo!*
Grita a vida.
No há guerra que perdure
Não há guerra que não se supere
Se a pandemia ataca pelos ares

Mundo ataca com amores

Amores espalhados

Criando vagas

Como ondas dos mares

Como marés de amores

Agora com máscaras...

– *Venceremos!*

A guerra contra o óbice e sórdido Covid-19.

Os versos unem-se numa luta universal. Unir versos, pode até certo ponto, desafogar tensões existentes no mundo afectado pela III Guerra mundial (como eu considero), e os desafios do novo normal. E é nas lágrimas esparsas por todos edifícios, casas e ruas de todas as cidades do mundo, afectadas pela nefasta pandemia, que vozes se reergueram, mais fortes do que nunca, para pintar essa nova fase, com tintas coloridas de esperança e certezas. O que o mundo precisa é maré de amores, que devastam costas de todos os continentes, limpando todos os males e receios. Não um dilúvio extintor, como do Noé, que varre homens e traz dor e bandeiras a meia-haste. Essas ondas de amores devem ser revestidas de saís de solidariedade. Salgar o mundo com amor. Doar-se em prol dos mais desfavorecidos será sem dúvida a melhor maneira de amortecer o impacto das crises financeiras, consequência do stop que o vírus deu ao mundo, levando ao confinamento, e lavando as contas bancárias dos governos com despesas imprevistas.

O molde que se deve seguir é o do camponês agricultor, lá no quimbo¹, que pondera, com as mãos trémulas, abandonar o cultivo. Não há lucros imediatos. As empresas escoadoras dos produtos do cultivo também estavam bloqueadas, como medida de segurança pública. Mas o velho sabe que parar não é opção. Já enfrentou o conflito civil de Angola, já enfrentara períodos de fome. Cultivar vai permitir que os alimentos básicos do campo cheguem às famílias. Nem que seja da sua aldeia e das aldeias vizinhas. Por isso o velho levanta todas as manhãs, antes dos raios do sol, e vai cultivar.

¹ Aldeia rural

No reerguer do camponês está o ganho. Com seu gesto vai ajudar uma aldeia. É esse espírito do agricultor, o espírito de entreaajuda que vai fazer Angola e o mundo regressar aos poucos com marés de amores que vão tapar os focos crescentes da crise da III Guerra mundial, em que as classes médias são engolidas nos nevoeiros dos problemas financeiros, dos disparar dos preços dos bens, e dos crescentes desempregos.

Por isso, no final da tarde, o agricultor no quimbo, ouvindo o som dos ngoma² que voltaram a solar³, sorri de alegria, com os dentes amarelados com a luz da labareda em baixo do imbondeiro, com esperança que coisas melhores virão. Pena é que os abraços vão continuar nas cadeias das vontades, esperando o mandato de soltura, vindo de ventos fortes de lutas científicas. Mas o velho agricultor sorri mesmo assim, com vontade de unir versos para trazerem um mundo melhor.

No raiar do quimbo
O campo desperto para o mundo
As mãos trémulas do camponês, lá do quimbo
Do quimbo distante.
Traz palavras de esperança
Das lavras cultivadas
Esperanças avivadas
Com enxadas de palavras sem pandemias
No negrume das noites arquivadas
Recordações de vários amplexos recebidos
Dos seus netos, da sua aldeia
E a lágrima cai
Cai no Pim,
Pim
Pim

² Batuque na língua Kwanyama.

³ Executar um solo (música).

Pim

Limpendo tristeza,
Pois agora, a certeza rasga a cidade
Com rios, com correntes solidárias
Com ricos partilhando
ONG's de feliz cidade diárias
Com riscos enredados com medidas
Alerta cidade
Alerta mundo
Máscaras desmascarando fragilidades
Em casa, o idoso preserva a idade
Na rua, nos largos, velho monumento
Vaidades encostadas por enquanto
No entanto,
Os anjos da terra
Sô doutor, senhor médico
Na frente de combate ao Covid-19
Com auxílio eclético
Com asas quiméricas
E milagres de salvação.
E nas ruas tristes
Canções alegres
Nos Palácios
Planos de contingência
E o poeta
Animando com versos
Ver só
O verso viajando
Por *clicks* distantes
Agitando as ondas do amar
Vagas e maremotos
Só o verso

Solidário com todos
Todos nós, ó mundo
Ansiosos por derrotar a pandemia
Mas só tempo tem tempo
Traz tempo a vacina
Trás tempo o mundo em cima
De Angola, meu quimbo
O camponês, o velho, ensina:
– Meu neto. Saiba ajudar.
Com esse pequeno gesto
Mundo transforma
É a melhor forma de abraçar.